

# Palavras de mulheres negras: uma proposta de leitura de *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo

Mírian Sumica Carneiro Reis\*

Adriele de Jesus Oliveira\*\*

*É preciso eternizar as palavras  
Da liberdade ainda e agora  
Conceição Evaristo, Do jovem ao velho.*

**Resumo:** Este artigo apresenta uma proposta de leitura do poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, e, para isso, usa como chave de leitura as possibilidades semânticas da combinação das palavras vozes e mulheres, compreendidas como emblemas importantes para a discussão antirracista e feminista, e para o desvelamento de memórias afro-brasileiras silenciadas historicamente. A proposição mostra-se relevante pois se considera imperativo ler e compreender a literatura brasileira também em representações negras e femininas. Para fundamentar a análise, são utilizados referenciais bibliográficos de Almeida (2018), Carneiro (2003, 2019) e Evaristo (2009), entre outras obras teórico-críticas.

**Palavras-chave:** Literatura negra feminina. Literatura brasileira. Conceição Evaristo.

**Abstract:** This article presents a proposal of reading the poem *Vozes-mulheres*, by Conceição Evaristo, based on the semantic possibilities of the combination of the words voices and women, as important emblems for the anti-racist and feminist discussion and for the unveiling of historically silenced Afro-Brazilian memories. The proposition is relevant because it is considered imperative to read and understand Brazilian literature also from its black and female representations, as is the case of Evaristo's production. To support the analysis, bibliographic references are used, such as Almeida (2018), Carneiro (2003, 2019) and Evaristo (2009), among other theoretical-critical works.

**Keywords:** Black female literature. Brazilian literature. Conceição Evaristo.

---

\* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possui Pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Coordenadora do *Literarte* – Grupo de Estudos em Literatura e Outras Linguagens da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/DGP-CNPq). <http://orcid.org/0000-0002-6778-5223> / [miriansumica@unilab.edu.br](mailto:miriansumica@unilab.edu.br)

\*\* Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pesquisadora do *Literarte* – Grupo de Estudos em Literatura e Outras Linguagens (UNILAB/DGP-CNPq). <http://orcid.org/0000-0001-5753-8686> / [adrieleletras@gmail.com](mailto:adrieleletras@gmail.com)



**Resumen:** Este artículo presenta una propuesta para leer el poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo, basado en las posibilidades semánticas de la combinación de las palabras voces y mujeres, como emblemas importantes para la discusión antirracista y feminista y para la revelación de recuerdos afrobrasileños silenciados históricamente. La propuesta es relevante porque se considera imprescindible leer y comprender la literatura brasileña también a partir de sus representaciones negras y femeninas, como es el caso de la producción de Evaristo. Para apoyar el análisis, se utilizan referencias bibliográficas de Almeida (2018), Carneiro (2003, 2019) y Evaristo (2009), entre otros trabajos teórico-críticos.

**Palabras clave:** Literatura femenina negra. Literatura brasileña. Conceição Evaristo.

*Poemas da Recordação e outros movimentos* é o primeiro livro de poemas de Conceição Evaristo, publicado em 2008. Nessa obra, e em muitas de suas produções, Evaristo apresenta a memória como elemento norteador do discurso, em que a perspectiva feminina e negra rasura signos e emblemas legados pelo racismo estrutural brasileiro. A memória, nos poemas de Evaristo, é a estratégia para afirmação de identidade de um grupo, a partir do contraponto entre cultura e tradições afro-brasileiras e as narrativas pré-estabelecidas sobre as subjetividades negras.

No ensaio *Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade* (2009), Conceição Evaristo afirma que a literatura negra é “uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, vivenciada a partir da condição de homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009, p. 17). Esta afirmação desvela a urgente necessidade de se reescrever a história das pessoas negras, não apenas como imperativo histórico, mas também pela necessidade de recomposição de elementos identitários, propositadamente apagados ao longo do tempo.

Assim, o tema da memória presente na escrita negra é uma forma de propor uma revisão da história e contribuir para afirmação da identidade afro-brasileira, já que, conforme afirma Sílvio Almeida, no livro *O que é Racismo Estrutural?* (2018), a abolição não significou igualdade e liberdade para negros e negras escravizados/as. Segundo o autor:

Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento. (ALMEIDA, 2018, p. 43).

No projeto brasileiro de Estado, o preconceito em relação às pessoas negras e o lugar social relegado aos afro-brasileiros no pós-abolição demonstram que o racismo se coloca como instrumento que perpetua privilégios do grupo hegemônico, notadamente branco, cristão, heteronormativo e patriarcal, numa realidade que perdura contemporaneamente. É o que se vê na insuficiência de políticas públicas de promoção de equidade que, depois de um intervalo curto de ação como políticas de estado, entre 2003 e 2016, vêm sendo precarizadas e quase extintas, abrindo mais uma vez espaço para a acentuação de desigualdades sociais e aprofundamento do racismo estrutural.

Em meados do século XX, o surgimento da imprensa negra em São Paulo representa uma voz dissonante no cenário literário e jornalístico do país e dá visibilidade a outras subjetividades. Segundo Souza (2017), a literatura afro-brasileira passa a ser o espaço expressão, através da imprensa negra, de reivindicações dos direitos de cidadãs/ãos negras/os com lugar ativo no imaginário social e representação distinta daquela encenada nos textos da literatura brasileira. Conforme a autora, contudo, não se pode ler a literatura afro-brasileira a partir de essencialismos que homogeneizam e invisibilizam as diferenças de modos de criação e temática, pois:

Se existem aqueles que veem na literatura um espaço para a denúncia das desigualdades sociais e suas vinculações étnicas, ou como arma de combate contra o racismo e a exclusão; existem outros que com lirismo e outro tipo de sensibilidade, combatem de outra forma, resgatam uma memória quase esquecida dos cantos religiosos, dos cânticos místicos, das festas e outras tradições que se reconfiguraram na diáspora e que hoje resistem nos textos inscritos nas memórias dos velhos, nas recordações às vezes imprecisas dos mais jovens, nos antigos casarios e nas ruínas das pequenas cidades e vilas que guardam segredos imemoriais (SOUZA, 2017, p. 72).

Com a literatura afro-brasileira, vozes insurgentes se lançam à cena para ecoar histórias e memórias silenciadas durante séculos. Uma dessas vozes é a de Conceição Evaristo que, tanto na sua obra literária quanto em seus escritos críticos/teóricos, representa a potência ética e estética desveladora de subjetividades historicamente invisibilizadas. O poema *Vozes-mulheres*, uma das principais referências da escrita poética da autora, é exemplar nesse sentido. Foi publicado pela primeira vez nos

*Cadernos Negros*<sup>1</sup> – publicação criada com objetivo de divulgar a escrita negra, dando visibilidade a esses escritores e escritoras, fortalecendo-os/as no campo da produção literária e rompendo com um lugar, que, por muito tempo, foi um campo exclusivo da supremacia branca e masculina.

O título do poema sugere o seu *leitmotiv*. A utilização do hífen funde as duas palavras formando uma composição, marcando a leitura indissociável entre os múltiplos femininos de vozes e mulheres, unidos por experiências comuns que se desdobram nas possibilidades marcadas por gênero e raça.

Nos primeiros versos, o eu lírico estabelece uma relação de parentesco com a mulher narradora, marcando, da segunda estrofe em diante, uma sequência familiar de mulheres ligadas ao eu-poético e conectadas entre si por um elo representativo de nuances historicamente marcadas. Embora a conversa entre gerações inicie na figura da bisavó, as vozes mulheres resgatam laços atávicos, indissociáveis no tempo.

A estrofe inicial apresenta a primeira voz diaspórica através do corpo feminino de uma criança. A voz de lamentos dessa criança, cuja infância foi roubada, traz para cena poética a diáspora africana, quando pessoas negras foram sequestradas da África para serem escravizadas na América.

A voz da minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida (EVARISTO, 2017, p. 34-35).

O poema *Vozes-mulheres* resgata, em uma perspectiva épica, a trajetória de formação das subjetividades negras e femininas brasileiras, tomando como ponto de partida a descrição da cena do navio negreiro, quando a bisavó do eu lírico, uma criança retirada forçadamente da sua terra, da sua cultura e de seus pais, é sequestrada da África para trabalhar em situação de escravidão nas colônias europeias. A força colonizadora mudou o curso do destino dessa criança e das gerações seguintes. A reificação desses

---

<sup>1</sup> A série *Cadernos negros* foi criada em 1978 e desde então é um importante veículo de divulgação de produção e crítica literária afro-brasileira. Publicada anualmente pela Editora QuilombHoje, a série já teve 42 volumes lançados. Maiores informações disponíveis em: [www.quilombhoje.com.br](http://www.quilombhoje.com.br). Vários acessos.

corpos atrelou, às imagens representativas de sujeitos negros, um conjunto de estereótipos cujo objetivo é justificar um lugar de fixidez ligado à força de trabalho e à exploração, inclusive sexual. A bisavó do poema enuncia a voz de um sujeito subalternizado, sem condições de agenciamento sobre sua vida. Da sua voz ecoa uma dor particular e também coletiva, nos lundus, nos murmúrios de revolta que inspirarão insurreições.

O sofrimento ecoado pela voz dessa criança no navio parte da experiência comum entre os negros e negras lançados/as no Atlântico séculos atrás. O direito à infância sonogado no passado é respeitado contemporaneamente? A letra da lei chegou à vida das Ágathas, Caíques e tantas outras crianças alvejadas por balas perdidas em trocas de tiros entre polícia e traficantes em favelas brasileiras? Crianças e adolescentes forçados a trabalhar demonstram como as marcas do escravismo são profundas feridas abertas e o lamento por infâncias negras roubadas, ainda hoje, grita.

Na segunda estrofe, o eu lírico apresenta a voz da sua avó e rememora o tempo histórico da escravidão. Apesar da aparente obediência, a avó encarna a continuidade da voz de sua mais velha, mas também traça as mudanças que se fortalecerão mais adiante. Nos versos “A voz de minha avó / ecoou obediência / aos brancos-donos de tudo” (EVARISTO, 2017, p. 34-35), evidencia-se a denúncia de um tempo regido por uma ordem severa: a escravização de pessoas sob o signo da diferença. Aqueles que se rebelassem contra essa ordem eram punidos cruelmente com castigos legitimados em nome da propriedade e da paz social. Por isso, essa voz emite o som da obediência, abafada pelo medo, anulada pela violência física, psicológica e religiosa. O racismo, em sua estruturação, trabalha para a anulação da autoestima, para que os sujeitos subalternizados acreditem não poderem sair de lugares pré-estabelecidos socialmente. Para isso, há um vasto arsenal instrumentalizado pelo racismo: os meios de comunicação e entretenimento, o modo como pessoas negras são representadas, a sonogação de condições de igualdade social, o discurso perverso da meritocracia.

Ao passo que a voz da geração de mulheres se aproxima do tempo presente, as ancestrais do eu lírico começam a ganhar mais resistência, pois, mesmo baixinho, a voz da mãe do eu-poético ecoa revolta por sua condição de vida. A terceira estrofe informa as ocupações de servilidade destinadas à mulher negra, de mucama à cozinheira, à

lavadeira, à empregada doméstica, para quem continuam relegados os trabalhos de subserviência, sob regime de exploração, em longas jornadas de trabalho e com péssimas remunerações. Essa voz tem consciência do lugar de subalternidade em que foi inserida pelo racismo estrutural e busca denunciá-la, num murmúrio de revolta e de ensinamento às mais novas, como acontece na terceira estrofe de *Vozes-mulheres*:

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela (EVARISTO, 2017, p. 34-35).

A voz ecoa a revolta de quem percebe que a injustiça social impõe condições desiguais. A favela foi o destino de negros e negras no pós-abolição, é a memória física da herança do colonialismo escravagista brasileiro. Para as mulheres negras, essa realidade é ainda mais opressora, pois, conforme afirma Carneiro (2019), mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social. Elas têm os piores salários, são guetizadas em ocupações profissionais sem prestígio, em ocupações manuais e apresentam um índice de analfabetismo três vezes maior que as mulheres brancas. Mulheres negras enfrentam dificuldades para receber promoções no trabalho ou ocupar cargos de chefia. No imaginário social, a mulher negra é quem serve, limpa e arruma a casa grande. É a mãe preta cuidadora dos filhos e da família dos brancos. Os trabalhos domésticos, as atividades de servente, faxineira e cozinheira são, em sua maioria, ocupados pelas mulheres negras.

É preciso expressar o legado da escravidão sobre a construção de subjetividades negras e a literatura afro-brasileira se debruça sobre este desafio político de dar voz aos vencidos e reificados pelo colonialismo brasileiro. Segundo Figueiredo (2010), a partir dessa voz serão construídas novas memórias do escravismo, através de outra perspectiva e, para isso, a ficção presta-se a um testemunho possível:

Recontar literariamente nossa história sobredeterminada pela escravidão é criar ficções que deem conta de um certo ambiente, forçosamente imaginário, através da utilização de diferentes formas de arquivos a fim de figurar nossa memória cultural. O escritor usa os arquivos não para reconstituir uma história como ela de fato foi; através dos vestígios deixados, através das expressões culturais lacunares que resistiram, através dos traumas que persistem, o escritor conta histórias para testemunhar (FIGUEIREDO, 2010, p. 169).

As memórias transmitidas oralmente, através dos conselhos e ensinamentos repassados de mãe para filha, do que foi vivenciado por gerações, são também expressões dos traumas da escravidão inscritos como vestígios nos corpos e nas subjetividades negras. As vozes mulheres, ainda quando assumem a primeira pessoa, reverberam os ecos de uma ancestralidade viva. É o que ocorre na quarta estrofe do poema em estudo, quando o eu lírico assume a primeira pessoa, contudo essa voz pessoal não expressa a individualidade de um único sujeito, mas se apresenta como um marcador temporal. Este eu é a voz de muitas pessoas, sua voz delimita o tempo presente, e se diferencia do segmento de vozes das mulheres ancestrais, pois não é mais o murmúrio possível da bisavó e da avó, nem apenas a voz autoconsciente da sua mãe, mas é uma voz que tem mais força e se impõe contra a opressão de gênero e raça.

A minha voz ainda  
ecoava versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome<sup>2</sup> (EVARISTO, 2017, p. 34-35).

O silenciamento começa a ser rompido, pois no verso “ecoava versos perplexos”, nota-se que a mulher que fala teve a oportunidade de ascender para uma condição de intelectual e passa a refletir sobre sua condição. Ela é consciente do seu grito e usa a poesia para expressar o testemunho das dores de suas ancestrais e para resistir às opressões ainda presentes. A postura de militância e de resistência que o eu lírico assume é decorrente do eco de vozes antecedentes. Suas rimas são de sangue, trazendo a marca do genocídio da população negra; e de fome, signo da pobreza e da injustiça social, que recaem em maior proporção sobre a mulher negra.

---

<sup>2</sup> Repetimos aqui a estrutura visual do poema apresentado na edição de referência.

A situação social da mulher negra, geralmente caracterizada por pobreza, empregos mal remunerados, políticas públicas insuficientes para atender suas necessidades e a dificuldade de ascensão socioeconômica, levou as mulheres negras, no Brasil, a se organizarem politicamente. Apesar de ser um movimento iniciado antes, é em meados da década de 1980, em função da condição específica do ser mulher e negra, que uma articulação mais notória se estabelece, através de manifestações de combate aos estereótipos que fornecem imagens de controle da subvalorização de pessoas negras; da exigência da inserção social de homens e mulheres negras e do questionamento das desigualdades existentes entre mulheres brancas e pretas.

Sueli Carneiro, no livro *Escritos de uma vida* (2019), mostra como os esforços da mulher negra para se organizar politicamente foram decorrentes da abordagem insuficiente da sua especificidade de mulher negra, tanto no tratamento do movimento feminista quanto naquele do movimento negro. Assim, a dupla militância das mulheres negras procura assegurar que as conquistas no campo racial não sejam inviabilizadas pela desigualdade de gênero e nem que as conquistas do feminismo continuem privilegiando apenas as mulheres brancas, devido a práticas de discriminação racial contra as mulheres não-brancas.

Desse modo, o movimento de mulheres negras, ao trazer para o cenário político as contradições geradas pela articulação entre raça, gênero e classe, sintetiza as bandeiras de lutas históricas levantadas pelo movimento negro e de mulheres do Brasil, enegrecendo as reivindicações femininas e promovendo a feminização das pautas do movimento negro (CARNEIRO, 2019).

Segundo a autora, enegrecer o movimento feminista brasileiro significa demarcar na agenda do movimento feminista o impacto que a raça tem, por exemplo, nas políticas demográficas; na caracterização da violência contra a mulher considerando o marcador raça como determinante das formas de violência sofrida por metade da população feminina do país; na formulação de políticas públicas na área da saúde da população negra; na crítica aos critérios de seleção de trabalho, para combater os estereótipos racistas que colocam as mulheres negras em desvantagem na concorrência a uma vaga de emprego.

As lutas feministas negras iniciadas na década de 1980 foram de suma importância para proporcionar melhores condições de vida para as mulheres negras, porém ainda há muito a se fazer, e esse porvir surge no poema quando o eu lírico afirma: “na voz da minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ o eco da vida-liberdade” (EVARISTO, 2017, p. 34-35), ou seja, a voz da filha não é só a fala, mas também é o ato, a ação.

A última estrofe do poema é subdividida em duas partes, representando dois tempos: o presente e o futuro. Os quatros primeiros versos no presente indicam o resgate na transformação das vozes silenciadas, pois através da filha todas as vozes serão ouvidas. O eu lírico apresenta a filha e anuncia como sua voz recolhe todas as vozes silenciadas, resignificando, assim, as lutas das gerações anteriores. A concretização da *vida-liberdade* não foi ontem, nem é hoje ainda, mas será no futuro, através da filha.

A voz da minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora  
Na voz da minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2017, p. 34-35).

No seminário *Tempo Feminino*, realizado pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e pelo Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, em 27 de março de 2000, no Parlamento Latino-americano do Memorial da América Latina, Carneiro (2019) defendeu que as mulheres de sua geração, por ela chamadas de “as velhas feministas”, entenderam o sentido das palavras liberdade e igualdade a partir da ausência de liberdade e igualdade. Essas pioneiras defendiam a liberdade e a igualdade enquanto valores inegociáveis, até pela ciência da luta empenhada para conquistá-las e mantê-las em uma sociedade marcada pelo machismo e pelo racismo.

A autora relata que ela e outras mulheres negras de sua geração lutaram para que as mulheres tivessem o direito de estudar e de ter uma carreira profissional, mas outros desafios surgiram e cabe à nova geração a continuidade da luta, afinal, o racismo e o sexismo apresentam-se sob outras condições. Por exemplo: as mulheres negras começaram a conquistar espaço no mercado de trabalho, mas a desigualdade salarial

entre mulheres e homens desempenhando a mesma função ainda existe, assim como a presença muito restrita de mulheres em cargos de chefia. O assédio sexual no trabalho, a insuficiência de creches, a falta de divisão das tarefas domésticas e da educação dos filhos são desafios contemporâneos que se amplificam quando se referem a mulheres negras e pobres.

Em *Vozes-mulheres*, a filha do eu lírico representa a nova geração de feministas que precisa dar continuidade às lutas das mulheres negras, em memória das ancestrais que desde a escravidão resistiram às opressões e abriram caminho para as gerações seguintes. As feministas negras veteranas deixaram um legado de insurgências, saberes e conquistas, se tornaram um espelho para a nova geração de mulheres.

Cabe à filha empunhar sua voz – fala e ato de resistência –, porque sobre ela recai a responsabilidade de honrar as vozes ancestrais que a ergueram ao ponto de onde pode ser ouvida. Ela precisará defender politicamente bandeiras históricas do movimento antirracista, do movimento feminista e de outros movimentos sociais engajados na construção de uma sociedade orientada por valores da igualdade, solidariedade e respeito à diversidade. Assim, segundo Carneiro (2019), a mulher negra no Brasil se traduz em tríplice militância contra as exclusões geradas pela condição de raça, gênero e classe.

Desse modo, a filha representa as mulheres conscientes dos seus direitos e que não se curvam diante da opressão, seja por gênero, raça ou classe. A filha tem uma conotação coletiva, representa o conjunto de mulheres negras que resistem às matrizes de opressões, no presente e no porvir, e que fazem a *vida-liberdade* acontecer. Ela se constrói a partir das vozes da ancestralidade de mulheres ligadas pelo laço familiar, recolhendo essas vozes, ou seja, a experiência coletiva de ser mulher e negra em diversos momentos da história e a evolução dessas vozes frente às opressões – “do lamento ao medo, do medo ao sussurro, do sussurro ao fazer poético, a elaboração da linguagem, e disso à ação” (SILVESTRE; FEIDMAN, 2015, p. 108).

A voz da filha é a ampliação do discurso da mãe, e sua voz ecoa com mais força no combate ao apagamento da mulher negra na história, dando visibilidade à sua existência e lutando contra a sonegação dos direitos. Dessa forma, a liberdade alcançará as mulheres das gerações passadas a partir do reconhecimento de sua luta contra a

escravidão no presente e no futuro. Na voz da filha, seus murmúrios, lamentos e sussurros ecoarão a liberdade tão sonhada, pois a voz da filha é a forma de materializar/concretizar o desejo da *vida-liberdade* pleiteado desde a bisavó do eu lírico na diáspora.

Conceição Evaristo examina o presente a partir do reconhecimento e afirmação de passado apagado na história oficial e nas narrativas da nação, pois resgata subjetividades negras e a identidade perdida na diáspora. Sua escrita é marcada, segundo Silva (2018), por uma poética da ancestralidade. A autora traz para a cena literária performances de um eu-comunitário dedicado a propor discussões sobre questões de raça e gênero, necessárias à (re)construção da identidade negada e subvalorizada pelas configurações do patriarcado racista.

O poema *Vozes-mulheres* apresenta mulheres cujas vivências estão marcadas pela cor, pelo gênero e pela dor. Oprimidas pela sociedade escravagista, sob o regime do patriarcado, as vozes dessas mulheres sobrevivem ao tempo e vão se ligando uma à outra por um fio tênue de silenciamento histórico que, com luta, vem sendo rompido. Esta subjetividade feminina é o epicentro da poética e das narrativas de Evaristo. Por meio da palavra-memória, a autora elabora a *palavra-resistência*, e traz à cena as dores, anseios, revoltas e insubmissões em um mosaico lírico e político de memórias e vivências, escrevivências.

## Referências

ALMEIDA, Sílvio de. *O que é o racismo estrutural?* Belo Horizonte: Grupo editorial Letramento, 2018, (Coleção Feminismos Plurais).

CADERNOS NEGROS. Disponível em: [www.quilombhoje.com.br](http://www.quilombhoje.com.br). Vários acessos.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

\_\_\_\_\_. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendedores Sociais (Orgs.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

\_\_\_\_\_. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 2º sem., 2009. p. 17-31.

FIGUEIREDO, Eurídice. As reescritas da memória da escravidão: questões teóricas. In: \_\_\_\_\_. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 161-170.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes. Por uma poética da ancestralidade. In: CÔRTEZ, Cristiane. et al. *Escrevivências: identidade e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho; FELDMAN, Alba Krishna Topan. Vozes-mulheres do terceiro mundo: a perspectiva de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 20, n. 1, 2015. p. 96-111.

SOUZA, Florentina. Literatura afro-brasileira: algumas reflexões. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/ooo/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2020.

**Recebido em 27/07/2020.**

**Aprovado em 04/01/2021.**